

KS. MICHAŁ TOKARZEWSKI*

Formação da Juventude à luz das Diretrizes da Pastoral da Juventude do Brasil

O objeto deste artigo é a apresentação do processo de formação da juventude à luz das diretrizes da Pastoral da Juventude (PJ) do Brasil, isto é, seu método pedagógico. A presença dos jovens católicos e sua participação são importantes para a Igreja Católica atual. A PJ é um organismo de ação social católica, que tem como objetivo promover “formação integral” de jovens brasileiros associados com a Comissão Episcopal Pastoral para Juventude, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil¹. A PJ está presente em muitas nações e é coordenada por assessores religiosos e leigos que surgem de militantes e organizadores.

A formação na PJ é um processo contínuo que visa a capacitação dos jovens para o exercício da cidadania, a partir de uma perspectiva cristã e organizada em pequenos grupos nas comunidades em níveis de coordenação, por representação (coordenação paroquial, diocesana, regional, estadual e nacional).

O processo de formação é baseado na metodologia ver-julgar-agir, que dispõe de valores evangélicos e exemplos de Jesus Cristo. Está voltada para o aprofundamento da fé e da sua vivência. Tem como objetivo principal a construção de uma sociedade mais justa e solidária. Para isso, os jovens são capacitados para atuar em diversas áreas, como política, cultura, meio ambiente, direitos humanos, entre outras.

* ks. Michał Tokarzewski – Cristalina, GO, Brazilia
ORCID: brak; e-mail: mictok@gmail.com

¹ A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB – é a instituição permanente que congrega os Bispos da Igreja Católica no Brasil. Ela une os bispos para que cada um consiga realizar melhor a sua missão na diocese que lhe é confiada. É um espaço propício para o estudo, reflexão, debate, oração e discernimento de caminhos para a Igreja realizar a missão de levar o Evangelho de Jesus Cristo. A CNBB fomenta a união entre os bispos brasileiros, com os bispos do mundo inteiro e o Papa Francisco. Ajuda cada bispo a concretizar em sua diocese as grandes orientações doutrinárias, pastorais e legais da Igreja. É uma instância propícia de formação e assessoramento de cada bispo (Disponível em: <https://www.arquidiocesedepasso.fundo.com.br/formacao/palavra-do-pastor/cnbb--qual-a-nossa-missao>).

A PJ busca desenvolver habilidades como liderança, comunicação, trabalho em equipe e organização. Além disso, os jovens são incentivados a participar de atividades que promovam o diálogo inter-religioso e intercultural.

Este artigo apresenta uma análise sobre a formação na PJ do Brasil. Baseando-se na revisão de documentos e materiais escritos produzidos pela pastoral, documentos da Igreja e documentos especializados em juventude sobre a temática pastoral juvenil, este artigo traz um resumo dos processos formativos adotados por esta organização.

1. História da Pastoral Juvenil no Brasil

A estrutura organizacional da PJ é parte integrante de seu processo de formação. Por isso, é importante descrever seu desenvolvimento para compreender a forma com que foi gerado seu método de trabalho com a juventude. Nesse sentido, é necessário resgatar os principais acontecimentos desta pastoral que foram fundamentais para a elaboração dos métodos pedagógicos.

Antes da década de 1960, diversos Movimentos Eclesiais que faziam parte da Igreja, cujo cunho era devocional e sua coordenação era feita pelos adultos. Citam-se a Congregação Mariana, ou jesuítas, os Jovens Vicentinos, a Legião de Maria, além das diversas Congregações Religiosas. As congregações atuavam “no campo da educação, atendimento social e evangelização da juventude”².

Já na década de 60, destaca-se a Ação Católica, com o apoio do Papa Pio XI. Com esse movimento, buscou-se construir uma ordem social justa e “reevangelizar” o mundo por meio dos leigos. A chegada dessa nova metodologia ao Brasil, alicerçada nos jovens, trouxe a presença da Juventude Agrária Católica (JAC), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Independente Católica (JIC), Juventude Operária Católica (JOC) e Juventude Universitária Católica (JUC). Por meio do método “ver-julgar-agir”, favoreceram-se pequenos grupos, desenvolvendo a espiritualidade e o engajamento social e eclesial. Esse método prevê a observação, a ponderação e a ação aos olhos do que é ideal para e como comunidade³.

Também a CNBB levantou novas preocupações através do Plano de Pastoral de Conjunto, adequando a realidade brasileira aos novos ares propostos pelo Concílio Vaticano II. A 2ª Conferência Episcopal Latino-Americana (CELAM), ocorrida em Medellín, reafirma que, a partir desse momento, a Igreja vê no jovem a renovação da vida, já que são uma grande força, formando um novo organismo social⁴.

Nos anos 70, “alguns eventos eclesiais e sociopolíticos motivam a Igreja na acolhida de novos métodos de evangelização e, assim, proporcionar outras

² CNBB, *Pastoral juvenil no Brasil: identidade e horizontes*, Coleção Estudos Num. 103, Brasília 2013, p. 26.

³ Cf. *ibid.*, p. 27.

⁴ Cf. *ibid.*, p. 26.

formas de encontro dos jovens com Jesus Cristo”⁵, trazendo as visões próprias dos CELAMs, como a de Puebla que opta preferencialmente pelos jovens, em decorrência das decisões oriundas do Concílio Vaticano II. Tal preocupação ocorre também no Brasil, por meio das Diretrizes Gerais, que destacava a juventude como um Setor da 1ª Linha de Ação Pastoral e nos Planos Bienais da CNBB, valorizando não só o protagonismo jovem, mas a participação dos leigos, favorecendo o surgimento no país de movimentos e carismas com características próprias e adaptando os conceitos internacionais, como é o caso da Renovação Carismática Católica (RCC).

Surgem também os Movimentos de Encontro, como o Emaús e o Shalom, proporcionando uma metodologia próxima à proposta pelo Cursilho de Cristianidade. Porém, a Igreja não teve apenas a criação desses movimentos, pois houve diversas baixas, em decorrência da censura imposta pela ditadura militar vivida na época. Em se tratando diretamente da juventude, houve a extinção do JAC, JEC e JUC, além da redução da atuação do JOC. Com isso, novos e grandes grupos surgiram, assumindo questões espirituais e sociais, trazendo consigo mobilizações e eventos de massa e o crescimento das vocações.

Como consequência dos CELAMs de Medellín (1968) e Puebla (1979), a linguagem de comunicação com os fiéis foi atualizada, atraindo a juventude por meio da música. Evidencia-se, também, a força do Setor Juventude, ao defini-lo como aquele que visa articular os diversos Movimentos e grupos de jovens existentes, conforme declarado na Linha de Ação Pastoral do 4º Plano Bienal da CNBB, para os anos de 1977 e 1978⁶.

Já na década de 1980, com uma sociedade manifestando sua ânsia por direitos humanos e democracia, eleva-se o protagonismo juvenil católico, não apenas pela educação na fé, mas também pelo diálogo com a realidade da época. ”Em 1983, após convocação do Setor Juventude da CNBB para um encontro nacional de delegados regionais, desencadeia-se um novo processo: nasce a Pastoral Orgânica da Juventude (PJ)”⁷. Outras pastorais começam a surgir, como: Pastoral da Juventude Rural (PJR), Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP) e Pastoral da Juventude Estudantil (PJE), tendo por características, além das já citadas, a liderança jovem, com assessoria de adultos, grupos menores e a opção pelos pobres e pela transformação social, por exemplo.

Grandes marcos também se deram nessa década como a determinação da ONU do Ano Internacional da Juventude, em 1985; a criação da Jornada Mundial da Juventude (JMJ), em 1986, pelo Papa João Paulo II, mesmo ano do início do Dia Nacional da Juventude (DNJ); no ano seguinte, 1987, realiza-se a primeira JMJ, com sede em Buenos Aires; e, por fim, dentre esses destaques,

⁵ Cf. *ibid.*, p. 27.

⁶ Cf. *ibid.*, p. 28-29.

⁷ Cf. *ibid.*, p. 29.

em 1988, é publicado o Caderno de Estudos PJ e Movimentos, num esforço inicial para a integração e cooperação entre os diversos movimentos juvenis⁸.

Nos anos 90, há um crescente número de comunidades e movimentos eclesiais, enfraquecendo as pastorais juvenis, numa busca por novas respostas e novos desafios, tais como: “carência de assessoria adulta; diminuição e fragilidade nos grupos de base; diminuição de investimento para o trabalho junto aos jovens; adolescentização dos grupos; a força dos meios de comunicação social”⁹.

Com maior força, o Setor Juventude promove, por meio de diversas frentes, encontros anuais entre movimentos, congregações e pastorais e militantes, além de produzir subsídios e informativos sobre temas diversos, em especial sobre as drogas. Além disso, foi reconhecido o DNJ, as Missões Jovens e a Semana da Cidadania pela Assembleia da CNBB. Temos ainda a solicitação do CELAM de Santo Domingo de uma opção pelos jovens, com uma pastoral orgânica, investindo e acompanhando suas caminhadas, ao mesmo passo que a Campanha da Fraternidade no Brasil trazia por tema “Juventude, caminho aberto”¹⁰.

O fim ao ano de 2007 marca a publicação do primeiro Documento da CNBB sobre os jovens, de número 85, colocando a serviço do jovem o empenho pela sua evangelização, valorizando a unidade e a diversidade, convidando as dioceses a organizarem o Setor Juventude. No ano seguinte, criou-se a Comissão Colegiada de Assessoria do Setor Juventude (CCA), trazendo para o âmbito juvenil, adultos que pudessem acompanhar toda a evolução e a movimentação das expressões, a fim de conhecerem e refletirem sobre os fenômenos que surgem com a presença jovem. Outros destaques podem ser listados como as discussões temáticas ligadas à juventude que ocorreram no CELAM de Aparecida, buscando dar um novo impulso às pastorais, movimentos e a sua própria evangelização. Em 2006 e 2011, a CNBB aprova o pedido do Vaticano para que fosse realizada a JMJ no Brasil, o que ocorreu em 2013, no Rio de Janeiro, aproveitando o ano com esse grandioso evento em prol dos jovens¹¹.

Concluindo, relatam-se, ao fim da linha histórica, os desafios enfrentados nesse período. Com relação aos grandes desafios enfrentados pela ação evangelizadora, junto aos jovens, destacam-se, entre tantas coisas: a relativização ética; o hedonismo; o comércio religioso; o consumismo; as injustiças e desigualdades sociais; a violência juvenil; o rápido desenvolvimento tecnológico; a cultura midiática com suas redes sociais¹².

⁸ Cf. *ibid.*, p. 29-31.

⁹ Cf. *ibid.*, p. 31.

¹⁰ Cf. *ibid.*, p. 32.

¹¹ Cf. *ibid.*, p. 33.

¹² Cf. *ibid.*

2. O método ver-julgar-agir-revisar-celebrar

Na PJ do Brasil consolidou-se como método de análise da realidade em que o jovem está inserido o método “ver-julgar-agir”. Ele era empregado pela Ação Católica e posteriormente foi herdado por muitos movimentos da Igreja¹³.

Ação Católica ofereceu para a juventude uma proposta de evangelização concreta e em seu ambiente. O método “ver-julgar-agir”, tem como objetivo trabalhar o protagonismo juvenil, sendo utilizado como método de leitura da realidade pastoral pelas Conferências Episcopais Latino-americanas e em diversos documentos e Planos de Pastoral¹⁴.

Dividido em três modelos de atuação, o método propõe como primeira atitude o “ver”, que consiste em um inquérito a respeito do meio no qual o jovem se encontra, tendo como finalidade compreender sua realidade, desconstruindo aspectos e trazendo percepções que eram então naturalizadas. Partindo da atitude “ver”, é esperada que sejam extintas as impressões aparentes dos fatos, provavelmente aquelas pautadas em crenças, tabus e até mesmo no senso comum, para que se alcançasse, assim, o problema na sua essência. O momento do “ver” suscita uma busca por enxergar a realidade a ser ponderada, e isso se realiza no próprio lugar que o observador está inserido, podendo ser a sua comunidade, escola, trabalho, bairro, universidade, exigindo deste, a prática de um processo subjetivo de revisão da vida, que ele reflita sobre suas ações frente tal realidade, da qual ele também é pertencente e realize uma análise desta. Neste caso o “ver” não é só um olhar sobre a realidade, mas é um observar integral¹⁵.

O método “ver” é uma comprovação da realidade, com objetivo de desenvolver-se uma visão mais sólida do meio social em que está imerso. Além de ser a base necessária para o “julgar” e o “agir”, era também considerado um meio de despertar o militante para a necessidade de “fazer alguma coisa”. Definido o ponto que se tornava necessário transformar e como se refletia sobre tal, dever-se-ia, conforme o método, definir as causas dessa problemática, compreendendo as causas aparentes, secundárias, imediatas e o fator principal¹⁶.

A segunda parte do método é o momento do „julgar”. A partir dos valores aprendidos, é que se trabalha o momento do “julgar”, sendo construído em um processo grupal, tendo como característica principal o refletir sobre a realidade apreendida. Neste momento, se dá-se a oportunidade do cristão de se reencontrar com sua fé, com os evangelhos e preceitos que norteiam sua vida

¹³ Cf. R. Oliveira, *Pastoral da Juventude: e a Igreja se faz jovem*, São Paulo 2002, p. 17.

¹⁴ Cf. L. M. Pinto Sales, C. Portantiolo Maia, *Pastoral da Juventude do Brasil: Uma proposta de formação de indivíduos não individualistas*, “Revista Caminhos” Goiânia, v. 15, n. 1, jan./jun. 2017, p. 97.

¹⁵ Cf. CNBB, *Marco referencial da Pastoral da Juventude do Brasil. Coleção Estudos Num. 76*, São Paulo 1998, p. 210-213.

¹⁶ Cf. L. M. Pinto Sales, C. Portantiolo Maia, *Pastoral da Juventude do Brasil...*, p. 98.

religiosa, possibilitando, assim uma ação consciente, isto é, uma ação que não é baseada somente em um puro voluntarismo.

O “julgar” tem como sentido o de analisar para discernir o que está certo e o que está errado e, depois, partir para uma ação transformadora. “Julgar” é perceber o que está ajudando ou impedindo os indivíduos de se libertarem e se tornarem irmãos, formar a consciência crítica à luz libertadora do Evangelho. O “julgar” versa de uma maneira geral, numa leitura do problema identificado pelo “ver”, por meio de uma visão cristã. Significa perceber o pecado que está dentro de cada um de nós, a intenção de dominar, explorar e usar os outros. E também o pecado social que está presente nas estruturas injustas da sociedade¹⁷.

O momento de encaminhar uma ação transformadora da realidade constatada e crítica da realidade ou situação é o momento intitulado como “agir”. Quando se fala em “agir”, não se entende apenas em fazer coisas, mas sim, uma modificação de atitudes perante a vida, ou seja, uma mudança pessoal e integral, atingindo todos os níveis da pessoa, acarretando resultados diretos e indiretos na sociedade, envolvendo não só os indivíduos fechados da sociedade, mas toda a comunidade eclesial. O “agir” é o momento dentro da metodologia de realizar algo diante da realidade analisada, para que esta seja, nos termos da PJ, transformada e reformada¹⁸.

No “agir” acontece a junção entre teoria, prática e o indivíduo, que a partir de uma construção reflexiva e processual, terá condições de realizar ações perante a realidade em que está inserido, tornando-se um agente de maneira consciente, por ter-se distanciado o máximo possível de uma ação impulsiva e sem ponderação, aproximando-se de atitudes refletidas. É necessário estar envolvido nos acontecimentos e encontrar uma maneira de agir positivamente em suas causas.

Tal método utilizado nas ações da Ação Católica, propicia ao jovem um desenvolvimento voltado e mais condizente com sua realidade, tendo sua experiência de vida, a realidade vivenciada, suas dificuldades e conhecimentos que suscitam o processo, permitindo maior capacidade de análise crítica em sua formação, levando-o a um tipo de ação reflexiva. Tanto as ações da Ação Católica quanto o método “ver-julgar-agir” fazem parte integral das diretrizes e metodologias utilizadas pela PJ no Brasil, que busca formar uma juventude com capacidade de conseguir ver-se em seu ambiente e transformá-lo por meio de uma atuação presente¹⁹.

No processo de assimilação do método “ver-julgar-agir” pela PJ do Brasil, este passou por algumas apropriações e adaptações ao seu contexto e fins que pretendiam ser atingidos. De acordo com o marco referencial da PJ do Brasil foram agregados mais dois momentos: o “revisar”, que propõe a revisão do

¹⁷ Cf. J. Boran, *O Senso crítico e o Método Ver-Julgar-Agir*, São Paulo 1983, p. 75.

¹⁸ Cf. L. M. Pinto Sales, C. Portantiolo Maia, *Pastoral da Juventude do Brasil...*, p. 99.

¹⁹ Cf. R. Oliveira, *Pastoral da Juventude: e a Igreja se faz jovem*, São Paulo 2002, p. 118.

processo realizado para identificar o quanto foi possível avançar, e o “celebrar”, relacionado ao momento de agradecer ao que foi vivenciado e a caminhada realizada até então²⁰.

É utilizado na PJ do Brasil como método o “ver-julgar-agir-rever-celebrar”. Dessa forma, pode-se dizer que o método “ver-julgar-agir” proporciona ao jovem uma formação voltada e adaptada a sua realidade, sendo a sua vida, seus problemas e experiências que geram o principal insumo para o processo, possibilitando maior capacidade de crítica em sua formação e levando a um tipo de ação reflexiva. A ação valorizada na PJ do Brasil é aquela realizada de forma refletida. Com base no método “ver-julgar-agir”, o leigo formado pela PJ do Brasil se apresenta como um construto que, a partir de um conjunto de passos, seria conduzido à reflexão e à clareza sobre si, características que fazem parte da noção de indivíduo moderno²¹.

3. Pedagogia de pequenos grupos

O grupo de jovens é a experiência e o espaço central da proposta pedagógica e evangelizadora da Pastoral, que propõe a formação de pequenos grupos, de idade homogênea, com nível de participação estável e com ritmo periódico de reuniões. O grupo facilita a criação de laços profundos de solidariedade, permitindo partilhar critérios, valores, visões e pontos de vista. Dessa forma, o grupo ajuda a enfrentar os desafios da vida, educando para olhar a realidade e descobri-la junto com os outros, permite a adesão ao projeto de Jesus, impulsionando o jovem para uma renovação permanente do compromisso cristão e dando solidez à sua missão²².

O conjunto de jovens que se reúnem, de um modo mais ou menos estável, na comunidade paroquial ou em outros ambientes, passando pelas várias etapas, num processo de formação que os leva a um certo grau de discernimento e amadurecimento de sua vivência pessoal, grupal e comunitária²³.

Assim sendo, de acordo com a concepção encontrada no Marco Referencial da Pastoral, mais do que o local do encontro, da diversão e da partilha, é o ambiente da formação, onde o participante, a cada encontro, reunião ou debate estabelecido no grupo e também nos momentos de oração, vai se formando. Seria o ambiente onde os sujeitos seriam “gestados”, e amadureceriam para pôr em

²⁰ Cf. E. Sbardelotti, *Estudos da CNBB 44 – Pastoral da Juventude no Brasil: Memória, compromisso e atualização trinta anos depois!*, “Revista Eletrônica Espaço Teológico” v. 11, n. 19, jan/jun, 2017, p. 79.

²¹ Cf. CNBB, “E a Palavra habitou entre nós” (Jo 1,14): *Animação Bíblica da Pastoral a partir das comunidades eclesiais missionárias*, Documentos da CNBB 111, Brasília 2022, p. 123-125.

²² Cf. F. M. Sofiati, *Jovens em movimento: o processo de formação da Pastoral da Juventude do Brasil*, “Revista Horizontes” v. 26, n. 2, jul./dez. 2008, p. 80.

²³ Cf. CNBB, *Marco referencial da Pastoral da Juventude...*, p. 147.

prática no próprio grupo ou em outros espaços da sociedade as noções construídas coletivamente.

Nessa perspectiva é possível identificar na PJ o entendimento de que cada ser humano deve ser formado para refletir, tomar decisões, construir ideias e juízos de valor de forma independente, não necessitando da autorização daqueles que estão socialmente legitimados, como lideranças sociais. A concepção é a de que o jovem é alguém capaz de refletir criticamente sobre o mundo e decidir as suas ações. Assim sendo, o jovem consciente, na concepção da PJ do Brasil, é aquele que constrói opinião e age de maneira crítica, que reflete sobre a sua realidade, pensa a respeito de suas crenças e das orientações que recebe e, a partir destas, toma as suas decisões.

Ainda de acordo com o Marco referencial da Pastoral, o grupo de jovens passa por etapas de crescimento e amadurecimento que essencialmente representam o aumento da autonomia do grupo perante as estruturas social e eclesial. É a capacidade que os grupos adquirem de tomar decisões, assumir compromissos e posições como grupos, tendo consciência das exigências e consequências das decisões tomadas²⁴.

Possui etapas de desenvolvimento que são: a) *Nascimento e infância*. Nesta etapa o grupo depende, em tudo, do assessor e de valores e expectativas trazidas pelos participantes. É muito frágil no início, sendo fundamental a presença do assessor. Neste momento o grupo está centrado em si mesmo e cada jovem busca encontrar soluções para seus problemas. b) *Adolescência*. Esta é a fase de crise, conflito, passagem e mudança em que ocorre o crescimento e tomada de consciência do grupo e seu lugar na comunidade. c) *Juventude*. Nesta etapa, o grupo se apresenta com maior segurança e estabilidade. Também ocorre maior independência com relação ao assessor. O jovem nesse momento, começa a se engajar nos movimentos sociais e populares, superando a esfera da comunidade, na busca pela mudança da sociedade. d) *Idade adulta*. O grupo que alcança esta etapa é uma verdadeira equipe de vida, com fortes relações e projeto de vida definida. Os jovens, assim, estão a serviço da comunidade e da sociedade, sendo a partilha e a troca de experiência a razão de ser do grupo. e) *Morte – vida nova*. O grupo não pode existir para sempre. Nessa fase, o grupo é chamado a se dividir e se multiplicar na comunidade e na sociedade, gerando novos grupos e novos trabalhos²⁵.

Dessa maneira, a postura considerada autônoma, que somente pode ser atingida a partir de um processo reflexivo de tomada de “consciência”, acontece não apenas em relação ao indivíduo, mas se estende ao próprio grupo. O grupo sempre caminha para a independência e a autonomia, chamada idade adulta, assim como o leigo caminha para o protagonismo, que tem a independência, a autonomia e a reflexividade como características centrais.

²⁴ Cf. CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019, Documentos da CNBB 102*, Brasília 2016, p. 59.

²⁵ Cf. F. M. Sofiati, *Jovens em movimento: o processo de formação...*, p. 78.

4. Formação progressiva, integral e libertadora

A PJ tem como proposta de formação trabalhar junto ao jovem a “formação integral”. É proposto que ela ocorra de forma “integral”, ou seja, que abarque todas as dimensões da vida do jovem, não sendo somente uma formação espiritual, voltada para a relação com o transcendente, mas que vá além, atingindo aspectos das relações com os demais membros do grupo, formação para a ação social e capacitação para o desempenho de funções dentro e fora da Igreja. Para isso, são estabelecidas “dimensões”, ou seja, diferentes aspectos daquilo que comporia o indivíduo em sua completude.

A Pastoral da Juventude afirma que o crescimento e amadurecimento devem ser equilibrados em todas essas dimensões. O ser humano deve ser entendido em sua totalidade. Dessa maneira, consegue-se aprimorar a espiritualidade e assumir concretamente a proposta de Jesus Cristo, objetivo principal de sua proposta de formação. O conceito de “formação integral”, estabelecido a partir das relações que o indivíduo desenvolve na sociedade, é dividido em cinco momentos:

a) *Dimensão da personalização*: a dimensão pessoal, compreendendo o aspecto do eu, da relação consigo mesmo. É o espaço da busca constante de resposta à pergunta: “Quem sou eu?”. Nesta dimensão, a PJ propõe que o jovem faça suas opções de valores, assumindo-os em sua vida²⁶. A Pastoral afirma ainda que há a necessidade da pessoa ter um conhecimento de si mesma para amadurecer e construir uma formação positiva da personalidade e acolhimento da própria vida. Dessa forma, ela define que para cultivar a dimensão pessoal é necessário procurar conhecer-se, aceitar-se e assumir a si próprio. Deve-se cultivar o olhar interno, desenvolvendo seus sentimentos e interesse com relação aos outros. Também é preciso desenvolver suas aptidões e qualidades para superar os limites pessoais e não se apegar às barreiras da vida, transformando-as em trampolins em busca da felicidade.

b) *Dimensão da integração grupal e comunitária*. Corresponde à dimensão social da vida, da relação com o outro na busca da integração grupal e comunitária. É o momento de descoberta do grupo como lugar de encontro e de compreensão do outro como ser diferente. O jovem descobre que precisa do grupo para se sentir importante e útil. Aprende que o relacionamento é algo fundamental para o ser humano. Dessa forma, toma a experiência comunitária como referência para sua vida, realizando-se como pessoa na relação com o outro. Para a PJ, essa dimensão ensina o jovem a lidar com o conflito e a conviver com quem pensa diferente. Reconhece os valores dos outros, as diversidades e os limites de cada um. Passa a ver as pessoas como algo mais importante que as normas, os objetos e as coisas. Cresce e amadurece nessas relações, descobrindo que a educação na fé é concebida como caminho a ser percorrido comunitariamente.

²⁶ Cf. CNBB, *Marco referencial da Pastoral da Juventude...*, p. 162.

c) *Dimensão sócio-política*: relação com a sociedade. É o momento de inserção do jovem na sociedade e da sua participação cidadã. A Pastoral afirma que a promoção do bem comum e a construção de uma ordem social, política e econômica humana justa e solidária, devem ser para o jovem um compromisso de fé²⁷. A PJ compreende a política não apenas a partir da política partidária, mas entende que a política significa uma dimensão da formação humana que busca uma relação madura com a sociedade. Propõe que a política deve ser interpretada pelos cristãos como a arte de administração da convivência dos cidadãos, sendo a presença da juventude na política de fundamental importância para que ocorram as mudanças na sociedade e na Igreja Católica. Portanto, esse é o momento de socialização e inserção do jovem na sociedade, na perspectiva de uma formação para a cidadania que considere os deveres e os direitos que todos devem ter para a construção de uma sociedade justa, livre e igualitária. Portanto, no processo de formação da PJ, fazer política é um dever humano.

d) *Dimensão mística e teológica*: corresponde à dimensão da relação com Deus. Dimensão da manifestação e presença do Pai na vida, na qual ocorre um crescimento na fé a partir da vivência e fundamentação comunitária cristã. Para a PJ, ao fazer o jovem vivenciar sua experiência de fé, essa experiência faz com que ele passe a viver como um autêntico cristão²⁸. Na Pastoral essa dimensão ajuda o jovem a fazer a opção pelo seguimento de Jesus Cristo, assumindo sua pessoa e seu projeto. Há um encontro com Jesus e o desenvolvimento de uma espiritualidade centrada em sua proposta. Nesse momento do processo de formação, descobre-se que o sentido da vida está na experiência do seguimento e passa-se a discernir a ação do Espírito Santo nos sinais dos tempos. Busca-se uma experiência de Deus com uma compreensão teórica e prática da própria fé. O cristão deve assumir um compromisso radical de viver os valores do Evangelho, mantendo o contato com a palavra de Deus e uma vivência comunitária. A PJ propõe que é preciso integrar fé e vida, transformando a experiência da vida em experiência de fé. Assim, a PJ afirma que o jovem precisa tomar mão de alguns instrumentos que possibilitem o cultivo de sua fé.

e) *Dimensão metodológica*: diz respeito à estratégia metodológica do jovem com relação à ação em seu processo dentro das dimensões anteriores. É a dimensão da capacitação técnica do jovem para o planejamento, desenvolvimento e avaliação da ação transformadora. A PJ propõe que o jovem se capacite constantemente para o seu trabalho pastoral²⁹. A relação com a ação refere-se às habilidades de liderança, que devem ser desenvolvidas no processo de crescimento da fé, fundamentais na preparação para a vida. Nesse processo, segundo a PJ, torna-se necessário ter capacidade de planejar, desenvolver e avaliar a ação, pois estar preparado para a ação permite ao cristão avançar em sua maturidade religiosa, social, pessoal e política. O jovem precisa refletir sua

²⁷ Cf. *ibid.*, p. 163.

²⁸ Cf. *ibid.*, p. 164.

²⁹ Cf. *ibid.*, p. 165.

ação para realizar sua missão evangelizadora com eficiência. No mundo juvenil o exemplo é mais importante que a palavra, por isso o cristão precisa ser profissional na evangelização, preparando sua ação e sendo o primeiro responsável por sua formação. Essa dimensão é fundamental na proposta de formação da Pastoral. Em cada etapa de formação que se encontra o jovem no grupo há uma acentuação diferenciada em determinadas dimensões³⁰.

Dessa forma, na PJ o cristão deve vivenciar de forma conjunta as cinco dimensões da “formação integral” para alcançar sua maturidade e ser feliz na sua missão na Igreja e na sociedade. É possível perceber que todas as dimensões da “formação integral” estão dispostas como “relação”, consigo, com ou outro, com Deus, com a ação e com a sociedade. Ou seja, não é um processo que ocorre de forma individual, mas sempre numa perspectiva relacional. O jovem, nessa concepção, deve sempre relacionar-se com alguém ou algo, não visando somente interesses particulares. Percebe-se então que uma das preocupações na pastoral, a partir da “formação integral” é a de fazer com que o jovem estabeleça relações e vínculos duradouros, seja com outros jovens da pastoral, seja com a sociedade e seus problemas, reforçando, dessa maneira, os vínculos com a própria instituição católica.

5. O acompanhamento dos jovens

No processo de formação dos grupos da PJ, existe duas figuras que não são, na maioria das vezes, jovens. Trata-se aqui do “animador” e do “assessor”.

O “animador”, na maioria das vezes, é um jovem que já passou pelo processo de formação no grupo de jovens e atingiu a militância, sendo considerado apto para contribuir com outros grupos. Suas principais funções são: dar dinamismo às reuniões do grupo, manter contato com os demais níveis da estrutura organizativa da PJ proporcionar ao grupo novos desafios e experiências no trabalho comunitário³¹.

O assessor, de acordo com o documento “Civilização do amor: tarefa e esperança”, é alguém que passou pelas etapas de formação propostas pela pastoral e que tem clareza delas, assim sendo, tende a estar preparado para acompanhar outros jovens para que eles façam também esse percurso formativo. Dentro da proposta da PJ, além de orientar o grupo nos momentos difíceis, o assessor deve estar sempre pronto para ouvir os jovens, para acompanhá-los, sem assumir a posição de alguém que manda ou que fiscaliza. Deve estar disposto a acolher e valorizar as opiniões deles, proporcionando e não obstruindo o protagonismo do jovem³².

³⁰ Cf. F. M. Sofiati, *Jovens em movimento: o processo de formação...*, p. 78-79.

³¹ Cf. F. Domingues, *Reflexão e ação após o Sínodo dos Bispos sobre os jovens*, São Paulo 2020, p. 54-58.

³² Cf. CELAN, *Civilização do amor: tarefa e esperança: orientações para a pastoral da juventude latino-americana*, São Paulo 1997, p. 118.

O “animador” e o “assessor” são importantes personagens nos processos vivenciados pelos grupos de jovens. É sempre destacado nos materiais de formação e documentos da pastoral que suas funções são de acompanhar como facilitadores dos processos grupais, nunca atuando como aqueles que mandam ou coordenam os jovens³³.

A Igreja tem documentado a relevância do trabalho do acompanhamento aos jovens e às suas organizações, e, com isso, tem de reconhecer a importância da figura do acompanhante. O documento 85 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), por exemplo, enfatiza que “não há processo de educação na fé sem acompanhamento, e não há acompanhamento, sem acompanhante”³⁴.

O trabalho com jovens é um trabalho especializado. Não pode ser feito por pessoas sem tempo e sem preparação. Há necessidade de ter, pelo menos, alguns assessores liberados, se não em tempo integral, pelo menos em tempo parcial. Não se pode esperar resultado pastoral se não há investimento. Em muitas situações, a Igreja tem que trabalhar com recursos humanos limitados. O assessor sobrecarregado tem algumas opções para garantir uma presença de qualidade, mais do que de quantidade: 1) Priorizar momentos-chave para estar presente: reuniões de coordenação, assembleias. 2) Aprender a se organizar para perder menos tempo e ser mais eficiente. 3) Priorizar acompanhamento dos líderes mais do que dos iniciantes. Procurar manter contatos informais com eles para trocar ideias. Se acentuarmos a importância da presença constante do assessor, não podemos deixar de chamar a atenção também para a necessidade de uma pedagogia de ausência em certos momentos. A pedagogia de ausência é algo planejado e tem como finalidade evitar que os jovens se tornem dependentes do assessor³⁵.

O acompanhamento das lideranças depende muito da atenção pessoal que se dá a cada um. O acompanhamento não pode ser somente intelectual. O aspecto afetivo é também importante. O assessor sobrecarregado se esquece de que o tempo gasto na atenção mais pessoal não é tempo perdido. É importante gastar tempo em conversas informais. É nestes momentos que saem coisas importantes fora da pauta. Não é sempre fácil perceber esta verdade numa cultura que acentua a eficiência. Aliás, perder tempo pode ser uma maneira de ser eficiente. É fazer como Jesus fez caminhando com os discípulos no caminho para Emaús³⁶. Caminha com eles, escuta suas preocupações e ajuda a entender os acontecimentos dentro de uma visão mais ampla de fé. O diálogo entre assessores e jovens só ocorre quando há confiança e lealdade. Daí a ne-

³³ Cf. L. M. Pinto Sales, C. Portantiolo Maia, *Pastoral da Juventude do Brasil...*, p. 106-107.

³⁴ Cf. CNBB, *Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais*, Brasília 2007, p. 103.

³⁵ Cf. A. Ramos do Prado, *A Pessoa do Assessor (cuidar do cuidador) Quem é o assessor de jovens? Identidade e critérios*, Capacitação Pastoral Juvenil, Episcopal Pastoral para a Juventude da CNBB, p. 22.

³⁶ Cf. Lc 24,13-35.

cessidade de uma presença e convivência mais profundas. O assessor deve caminhar com os jovens, conviver com eles, conhecer a sua realidade, ambiente familiar, e acompanhá-los em suas atividades. Visitar as famílias para compreender a história pessoal de cada um³⁷.

Conclusão

Em resumo, a formação na PJ do Brasil é um processo contínuo que visa a capacitação dos jovens para o exercício da cidadania. A metodologia utilizada é flexível e pode ser adaptada às realidades locais. Os temas abordados na formação são variados e incluem questões sociais, políticas e religiosas. A formação ajuda os jovens a desenvolverem habilidades como liderança, comunicação, trabalho em equipe e organização. Além disso, a formação contribui para o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre as questões sociais e políticas do país. Processo é composto por vários elementos que norteiam a formação do jovem católico nas pastorais. Dentre eles, destaca-se a opção pelo trabalho em pequenos grupos de base e a utilização do método ver-julgar-agir, concebido como um modo de inserção e olhar sobre a realidade social e religiosa do país.

* * *

Resumo

Este artigo apresenta uma análise sobre o método de formação da juventude à luz das diretrizes da Pastoral da Juventude do Brasil (PJ), ou seja, seu método pedagógico. Com base na revisão de documentos e materiais escritos produzidos pela pastoral, documentos da Igreja e documentos especializados em juventude sobre a temática pastoral juvenil, este artigo traz um resumo dos processos formativos adotados por essa organização e apresenta sua contextualização histórica. No texto, é feita uma análise do modelo de jovem que a PJ pretende formar, observando os conteúdos, representações sociais e métodos empregados para essa formação (formação integral). Este modelo é denominado pela PJ como “protagonista”, correspondendo a um jovem que possui particularidades de um sujeito moderno, mas com potencialidade para se desenvolver dentro do movimento e de forma coletiva. A PJ busca desenvolver habilidades como liderança, comunicação, trabalho em equipe e organização. Além disso, os jovens são incentivados a participar de atividades que promovam o diálogo inter-religioso e intercultural.

Palavras-chave: Processo de formação, Pastoral da Juventude do Brasil, Igreja Católica, Jovem, Método ver-julgar-agir.

³⁷ Cf. A. Ramos do Prado, *A Pessoa do Assessor...*, p. 24.

Youth Formation in Light of the Guidelines of the Youth Ministry in Brazil

Summary

This article presents an analysis of the youth formation method in light of the guidelines of the Pastoral da Juventude do Brasil (Youth Pastoral of Brazil – PJ), that is, its pedagogical approach. Drawing from a review of documents and written materials produced by the pastoral, Church documents, and specialized literature on youth pastoral themes, this article provides a summary of the formative processes adopted by this organization and presents its historical context. The text analyzes the model of the youth that PJ aims to develop, considering the content, social representations, and methods employed in this comprehensive formation. This model is referred to by the PJ as a “protagonist”, representing a young person with characteristics of a modern individual but with the potential to develop within the movement and collectively. The PJ seeks to foster skills such as leadership, communication, teamwork, and organization. Additionally, young people are encouraged to participate in activities that promote inter-religious and intercultural dialogue.

Keywords: Formation process, Pastoral of the Youth of Brazil, Catholic Church, Youth, see-judge-act method.

Bibliografia

- Boran J., *O Senso crítico e o Método Ver-Julgar-Agir*, São Paulo 1983.
- CELAN, *Civilização do amor: tarefa e esperança: orientações para a pastoral da juventude latino-americana*, São Paulo 1997.
- CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019, Documentos da CNBB 102*, Brasília 2016.
- CNBB, *Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais*, Brasília 2007.
- CNBB, *Pastoral juvenil no Brasil: identidade e horizontes, Coleção Estudos Num. 103*, Brasília 2013.
- CNNB, “E a Palavra habitou entre nós” (Jo 1,14): *Animação Bíblica da Pastoral a partir das comunidades eclesiais missionárias, Documentos da CNBB 111*, Brasília 2022.
- Domingues F., *Reflexão e ação após o Sínodo dos Bispos sobre os jovens*, São Paulo 2020.
- Oliveira R., *Pastoral da Juventude: e a Igreja se faz jovem*, São Paulo 2002.
- Pinto Sales L. M., Portantiolo Maia C., *Pastoral da Juventude do Brasil: Uma proposta de formação de indivíduos não individualistas*, “Revista Caminhos” Goiânia, v. 15, n. 1, jan./jun. 2017, p. 96-109.
- Ramos do Prado A., *A Pessoa do Assessor (cuidar do cuidador) Quem é o assessor de jovens? Identidade e critérios*, Capacitação Pastoral Juvenil, Episcopal Pastoral para a Juventude da CNBB.
- Sbardelotti E., *Estudos da CNBB 44 – Pastoral da Juventude no Brasil: Memória, compromisso e atualização trinta anos depois!*, “Revista Eletrônica Espaço Teológico” v. 11, n. 19, jan./jun. 2017, p. 71-84.
- Sofiati F. M., *Jovens em movimento: o processo de formação da Pastoral da Juventude do Brasil*, “Revista Horizontes” v. 26, n. 2, jul./dez. 2008, p. 73-82.